

Walter Benjamin, sentinela messiânico, no olhar de Daniel Bensaïd

Via [Contrahegemonía](#)

Walter Benjamin tornou-se um autor fetiche e objeto de múltiplas entradas e usos culturais e ideológicos, assim como um ensaísta e escritor sujeito ao resgate permanente de uma obra tão bela quanto hermética. Em Walter Benjamin Sentinela Messiânico, uma obra que pode ser datada do início dos anos 90, o filósofo marxista Daniel Bensaïd se propôs a redescobrir sua potência como um pensador do presente.

Filósofo e professor universitário, jovem ativista de maio de 68 e até sua morte um militante da trotskista Liga Comunista Revolucionária, que se tornou o Novo Partido Anticapitalista, Daniel Bensaïd (1946-2010) foi um notável teórico; há seus diálogos e polêmicas com Toni Negri, Alain Badiou e Michel Löwy, entre outros, sua promoção da nova associação Louise Michel, e sua liderança da revista ContreTemps. Autor de cerca de trinta volumes, Marx Intempestivo e Marx Voltou (com ilustrações de Rep) foram traduzidos e publicados na Argentina, e Resistencias, Trotskismos, Elogio de la política profana, La sonrisa del fantasma e Una lenta impaciencia, suas memórias, entre outros, na Espanha. Agora, El cuenco de plata publica Walter Benjamin, Sentinela Messiânico, com um prefácio de Cecilia Feijoo.

Benjamin tornou-se, um pouco à maneira de Antonio Gramsci, um autor de usos múltiplos – mesmo contraditórios, mesmo opostos – puxados de acordo com interesses diferentes, desde aqueles que tinham uma amizade ou alguma relação intelectual com ele, até as classificações bem polidas e inequívocas que as academias normalmente tentam, para ordenar e compartimentar

uma obra. Assim, ele tem sido descrito como um “filósofo da linguagem” e um “crítico literário” (Hannah Arendt); sua dimensão messiânica judaica é enfatizada (a preferência de Gershom Scholem), ou crítica cultural neo marxista (Theodor W. Adorno), ou um marxismo “puro e simples”, militante do ponto de vista da arte (Bertolt Brecht). Para Bensaïd, parece, Benjamin é tudo isso, mas muito mais, um pensador do presente.

Um “estranho errante e rebelde”, uma “sentinela solitária”: um dissidente, um resistente, um heterodoxo que desconfia de toda certeza e confiança em algum mundo futuro “seguro” e feliz, e da razão, de qualquer tipo: de líderes e aparatos políticos, de estados, etc. Benjamin tem, portanto, um novo sentido da história, cheio de perigos e possibilidades, que outros contemporâneos se limitaram a aceitar, registrar ou simplesmente negar. É esta dupla percepção do presente, como catástrofe e evento, que Bensaïd percebe no Diário de Moscou, escrito durante a visita de Benjamin à URSS na segunda metade dos anos 1920, com a reação burocrática estalinista em pleno andamento. É esta percepção que ele confirma com o pérfido pacto Hitler-Stalin mais de uma década depois, ao qual Benjamin tenta contrapor uma “estratégia de urgência em meio a uma catástrofe”.

E Bensaïd também está, quando escreve seu livro, em 1990, num momento catastrófico: o encerramento das experiências revolucionárias, a reação neoliberal e a queda do “socialismo real”, um dos dois pilares do regime global no segundo período pós-guerra; o status quo do mundo de Ialta, a “guerra fria”, com seu “equilíbrio” de conquistas sociais, a rivalidade econômica entre dois “sistemas” e o terror nuclear. É a configuração de uma situação sem precedentes, de regressões intelectuais, de retrocessos sociais e políticos, e de fins abertos nos quais ainda estamos atolados.

Bensaïd desenvolve seus temas comentando sobre a própria natureza fragmentária da vida e obra de Benjamin: suas “Teses sobre a Filosofia da História”, a questão messiânica, a

questão estratégica e militar, e a questão do tempo, ou melhor, das temporalidades, e seus avatares. O “meta-comentário” permite sobrepor as próprias linhagens culturais e intelectuais de Benjamin às de Bensaïd. É um resgate do passado para uma atualização do presente. A (auto) exigência de se situar à esquerda do possível, um empreendimento tão arriscado quanto, eventualmente, bem sucedido.

Bensaïd destaca o tempo messiânico nas “Teses” como uma percepção crítica da ideologia do “progresso”, seja em sua versão burguesa, social-democrática ou comunista (estalinista). Não há “futuro” ou “revolução” assegurada na espera passiva. Rebelião ou submissão: o tempo inescapável “vazio e homogêneo” deve ser analisado e criticado. “Benjamin junta-se à longa rebelião contra as cadeias despóticas da temporalidade mecânica, de Baudelaire a Proust, de Nietzsche a Bergson”. O que a história nos mostra? “Longe de subir a monumental escadaria do progresso, a história é acima de tudo a gagueira da derrota”. A tristeza e melancolia pós-revolucionária em Saint-Just ou Blanqui – a mesma no século XX, com as datas negativas de 1933 em Berlim e 1937 em Barcelona – é a “catástrofe permanente como a negativa da revolução permanente”. “História” que imobiliza o passado e que deve ser combatida por uma “historiografia materialista”. E messiânica.

E os eventos de 1989-91? “Antes das derrotas, estas são traições e abandonos”, diz um introspectivo Bensaïd dos marxismos do século 20. É a derrota que faz emergir a sentinela, a guardiã de uma tradição contra a inclemência dos vencedores, contra o barulho inaudível dos oprimidos esquecidos pelo som tumultuoso da mercadoria.

Contra a circularidade e a repetição do mesmo – como sempre, da mercadoria e de suas rotações aumentadas de capital, o passado volta constantemente para assombrar o espaço dos vivos, e é a sentinela que é encarregada de gritar a abertura “messiânica”: o limiar do possível. Contra a espera passiva:

“Longe de neutralizarem-se mutuamente, a luta de classes e o messianismo se promovem uns aos outros contra a fatalidade”. O messianismo profano capta os fragmentos da renúncia de Blanqui na Eternidade pelos Astros, da circularidade ascendente e quebradiça de Hegel, da ruptura de Marx do fetiche e da rememoração em Proust, e Bensaïd propõe, então, captar o “Evento” contra o Progresso imóvel e qualquer Retorno Eterno. A história como uma bifurcação, como uma história de possibilidades, não deve ser abandonada ao esquecimento. Como esta transgressão é para se juntar à procissão dos vencedores, é para aceitar o presente como fato consumado.

Em linguagem, em memória e em sua relação com a religião judaica e a Cabala, Bensaïd identifica um diálogo com o marxismo herético. A história como ciência ou, também, como “uma forma de lembrança”, porque ao contrário da memória, a rememoração é um ato de consciência, é a memória que emerge na luta contra o esquecimento. De Spinoza a Péguy, de Sorel a Rosa Luxemburgo, de Freud a Moses Hess via Gustav Landauer, Franz Rosenzweig, Fritz Mauthner e Henri Lefebvre, Bensaïd articula uma constelação de vidas, obras e circunstâncias – contra a maré, adversa, trágica – que lança luz. Uma história na qual, entretanto, “tudo depende do homem, inclusive seus tormentos e sua impaciência”. Este é o fundamento de um messianismo político, democrático e libertador”.

A tarefa seria, para Bensaïd, lembrar, não esquecer que, no tempo presente, no “tempo-agora”, a sentinela messiânica é a portadora de um anúncio, de um possível que é tecido ativamente e que permite “inventar o novo, não fazendo uma varredura limpa do passado, mas questionando-o de uma maneira diferente, pacientemente, afetuosamente: isto é o que distingue o conceito messiânico da história”.